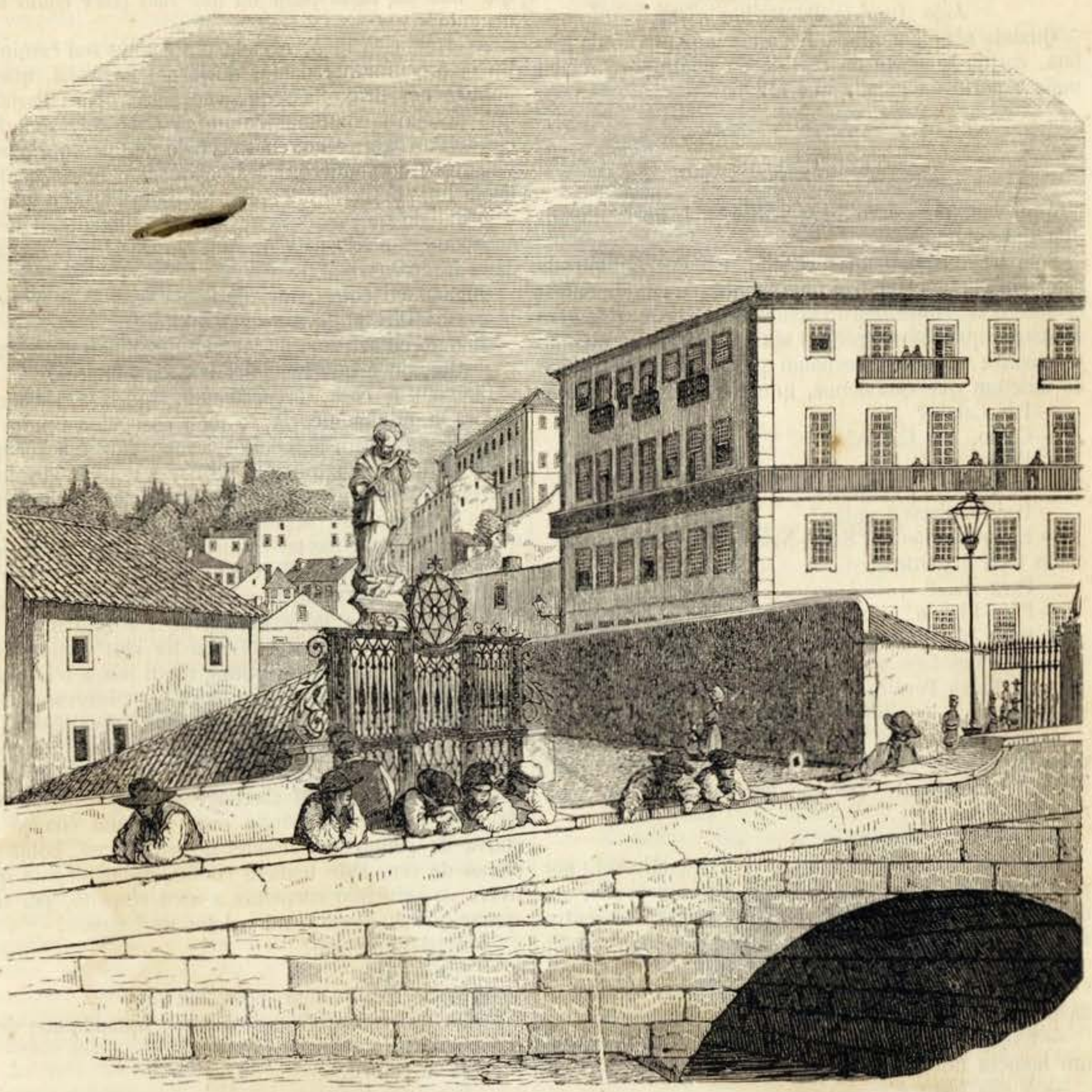
LISBOA



Ponte d'Alcantara — Desenho de Nogueira da Silva

Esta ponte tem a infausta celebridade de dar o nome á batalha que junto d'ella pelejaram as tropas de D. Antonio, prior do Crato, contra o exercito invasor de Filippe II de Castella, commandado pelo duque de Alva.

Esses poucos desfensores da independencia nacional succumbiram ao poderio da esquadra e das armas hespanholas, que só depois d'esta victoria se apossaram de Lisboa, começando n'este dia, 25 de agosto de 1580, o seu tyrannico dominio de Portugal, durante sessenta annos de oppressão e de inauditas extorsões.

Foi já descripta esta memoravel batalha, com os toques e colorido que pedia tal quadro, pela magica penna do sr. Rebello da Silva, a pag. 49 e subsequentes d'este vol. do *Archivo*. [1]

N'aquelle tempo a ponte de Alcantara estava solitaria, porque ficava n'um arrabalde despovoado pertencente á freguezia d'Ajuda. Foi-se elle successivamente cobrindo de habitações, hortas e residencias nobres, até que formou um bairro, e depois do terremoto uma parochia.

Em 1743 alargou-se a ponte e lhe foi posta uma imagem de S. João Nepomuceno, de pedra, estatura colossal, obra do esculptor italiano João Antonio de Padua, que além de muitas outras de estatuaria que d'elle existem ainda em Portugal, fez a esculptura da capella-mór de S. Domingos de Lisboa, as imagens da capella-mór da sé de Evora, e os pulpitos da egreja do collegio de Santo Antão.

Padua era comtudo um esculptor mediocre, e as obras que fez devem muito á habilidade de Pedro Antonio Luques, seu ajudante e desbastador.

A estatua de S. João Nepomuceno, que os moradores do bairro d'Alcantara lhe encommendaram para a ponte, e que está fielmente desenhada na gravura junta, tem no pedestal a seguinte inscripção, que tambem *fielmente* copiâmos:

[1] E tambem, com mais desenvolvimento, na *Historia de Portugal* nos seculos XVI e XVII por L. A. Rebello da Silva, t. II, pag. 530.

S. Joanni Nepomuceno, novo orbis thaumaturgo, terræ, aquis, igni, æríque imperanti, atque cum alias tum præsertim in itinere maritimo luculento sospitatori suo grati animi ergo hanc statuam cliens deuotiss An. reparat. salut. MDCCXLIII.

João Antonio D. Padua a fez.

Quando ultimamente se fez a circumvallação de Lisboa, cortou-se parte da cortina da ponte para recuar mais a porta da cidade que alli ha.

TRES CARTAS

Aqui vae, meu caro Silva Tullio, a historia da minha ida a Londres.

Bem tranquillo, bem socegado, e bem contente de estar em Paris, encontrei uma manhã na rua de Saint-Honoré o sr. conselheiro Paiva Pereira, primo do nosso ministro, que me perguntou mui cordialmente quando tencionava eu partir. Respondi que no dia vinte e cinco do mez em que estavamos, que era um lindo junho.

— Por Calais?

— Como, por Calais!

— Folkston?

— Como, por Folkston!

— Por Newhaven então?

— E porque não por Saint-Nasaire, ou por Bordeaux, como toda a gente!?

— Para ir...?

— Para Lisboa!

— Para Lisboa, senhor! E o que faz de Londres!

— Não lhe faço nada, deixo-a viver sem mim!

O sr. Paiva Pereira, bem lhe conheci na physionomia, sentiu-se possuido de um ataque de admiração.

— Perdão, perdão, me disse; peço tres segundos para entrar em mim do pasmo em que me lançou! Pondere unicamente que vae arrepender-se no resto de seus dias...

— Que serão longos!

— Assim o desejo, ainda que o arrependimento por essa fórma maior vae ser: — que vae arrepender-se, dizia eu, de haver estado em Paris, que é o centro do mundo, o ponto de partida para toda a parte, e não ter passado a Londres, de que está tão perto, e que talvez não volte a ver, porque nem sempre se dá occasião de cada um saír da sua terra!

— Excepto quando é justamente na sua terra que um homem nunca está!

— A sua terra é...

— Durruivos.

— Que eu não conheço!

— Que ninguem conhece!

— Nas Ilhas Canarias?

— Ao pé de Obidos!

— Obidos de Malhão?

— Obidos de Malhão,... que era de Obidos!

— Deixemos isso; o que nos importa resolver, é que pena merece um homem no seu caso, que faz vida das letras e das viagens, estar a distancia de doze horas entre caminho de ferro e passagem do Canal, no momento da Exposição, em que acode gente dos paizes mais afastados para ir visitar a maravilha da epocha, e deixar esta grande feira, que se chama Paris, sem querer ir ver aquella grande chaminé, que se chama Londres!

— Pois bem, respondi, eu pensarei!

— Pense, resolva, e parta! Creia que me deixa inquieto! Eu ouvi contar de um sujeito que fizera a corte a uma menina durante vinte e sete annos, que no dia ajustado para o casamento, chegou elle á egreja, viu a noiva de véo e coroa, mudou de idéa e voltou para traz. A historia d'este homem, que indignou toda a gente honesta, não me maravilhou mais do que o sr. Machado, se devéras regressa sem ir á exposição!

— Mas, sejamos razoaveis, eu não vim a Paris procurar Londres!

— Pois isso é o que faz toda a gente n'esta occasião, e a minha experiencia atreve-se a ensinar-lhe que não ha nada peior do que não fazer como toda a gente!

Apertámos a mão, e cada um seguiu seu caminho. Eu ia procurar o redactor do jornal *Le Nord*, que se publica em Bruxellas, que vae passar para Paris, e que desejava combinar commigo uma correspondencia de Portugal; é um russo, cheio de talento, de actividade, e de condecorações, a quem o nosso compatriota Julio Ferreira me apresentou em Paris, e que foi o jornalista que mais benevola e intelligentemente se occupou do nosso paiz na questão das irmãs da caridade francezas.

Quando eu entrei, mr. de Poggengpholl exclamou:

— Oh! Oh! julgava-o em Londres!

Quando eu saí, mr. de Poggengpholl perguntou-me:

— Quando é que tenciona ir para Londres?

Cheguei a casa, preoccupado, indeciso, absorto. Fugíra a minha alegria, o meu socego, a minha liberdade de acção. Folheei os jornaes portuguezes que haviam tido a amabilidade de dar a noticia da minha partida, e puz-me a observar que todos diziam que eu ia á Exposição: depois, cogitei nos embaraços em que ia encontrar-me ao voltar, e na paciencia que me seria precisa para soffrer as admirações posthumas com que ia ser saudada a minha não viagem. Feita a conta, saía-me mais agradavel ir a Inglaterra, do que aturar Portugal por lá não ter ido. Comprei bilhete na estação mais proxima, metti roupa n'um sacco, dinheiro n'um cinto, a *guia da conversação* na algibeira, e voei aos braços dos nossos fieis alliados.

Estava um dia lindissimo, que convidava a ir para toda a parte menos para a escura Albion. Segui a linha de Dieppe, n'uma carruagem em que ia um velho todo vestido de panno cru, com um chapeo de chuva de panno cru, bonnet de panno cru, botas de panno de cru. Este homem confessou-me depois que tivera ao principio suspeitas a meu respeito, por observar que eu levava um paletot no braço.

— Acha improprio?

— Absurdo!

— A sua *toilette* tem, pois, um fim?

— De me roubarem pouca coisa, quando me despirem gradualmente em Londres!

— Já lá esteve?

— Por duas vezes.

— Da primeira?

— Roubaram-me uma luneta de oiro, que eu tinha sempre no nariz!

— E não sentiu?

— Senti-lhe a falta!...

— E da segunda?

— Roubaram-me um cão, que levava ao collo para m'o não tirarem!

— Safa!

— Sabe o senhor como é que se exercitam em Londres os famosos ratoneiros, nas respectivas aulas? Eu lhe conto. O curso completo compõe-se da eschola de relogio, eschola de lenço de assoar, eschola de bolso de peito, eschola de botões de camisa, etc. etc. Pendura-se no tecto um *gentleman* de trapos, cheio de campainhas; a perfeição consiste em o roubar sem que nenhuma das campainhas toque; nas sabbatinas ha outro *gentleman*, de um machinismo mui subtil, que está de braço levantado e bengala erguida, pendurado tambem no tecto; quando os discipulos lhe mexem nas algibeiras sem todo o geito requerido, o *gentleman* descarrega a bengala e dá-lhes bordoada velha!

— Dieppe! gritou, abrindo a portinhola, um empregado dos caminhos de ferro. Dieppe!

O meu erudito companheiro despediu-se de mim, estendendo-me a mão da fórma a mais attenciosa, e desejando-me mil venturas.

Quando cheguei a bordo, depois de uma pequena marcha de dez minutos, olhei para os dedos casualmente, e achei-me sem um anuel que tinha. Acasos de viagem, certamente...

O vapor que ia conduzir-nos tinha uma similhança enorme com esse que ahi temos no Tejo, em successivos passeios do caes da Ribeira para Belem: era um barco pequenino e bonito, excellente, appetitoso mesmo, para uma *partie de plaisir* n'um rio, mas alguma coisa assustador para ir dançar no canal. A hora da partida depende sempre das marés, o que nos obrigou a esperar duas horas ás onze e meia, tempo precioso que eu empreguei pouco intelligentemente a espreitar o mar, que se avistava no fim da doca, agitado, espumante, irado!

Cada passageiro principiou a marcar com um lenço de assoar, com um paletot, com um chapeo de chuva, o seu logar nos bancos da tolda. O vapor partiu, e ao fim de dois ou tres minutos, saía da doca e recebia em cheio a primeira vaga, isto é, as primeiras vagas, as duas, as tres vagas que nascem de cada vez, gigantescas, alcantiladas, chaldeanas, uma pela frente, e uma de cada lado! Voaram os lenços de assoar, voaram os paletots, voaram os chapeos de chuva: os passageiros caíram uns sobre os outros; depois acocoraram-se, arrastaram-se, engatinharam até á escada que dirige á camara, marinharam depois para os sophás, e ahi, abatidos, prostrados, vasios, deixaram-se modestamente ligar a uma especie de janella de saccada, que se nos armou com uns varões de ferro, para não cairmos, tantos, tão grandes, tamanhos eram os redemoinhos furiosos d'aquelle vapor polkista!

Um criado veiu gravemente collocar ao pé de cada um de nós um utensilio de arame, adequado á situação; — agradecemos-lhe por um olhar! Depois, tudo caíu n'um silencio pavoroso, cortado pelos «Oh!» dos passageiros, e pelos «paff», das ondas no costado do barco. O capitão, algum tempo depois, interrompeu esta suave melancolia, pedindo um schelling a cada pessoa para o *steward's fee*, o que, evidentemente, significa o vigia, o criado, o homem do utensilio de arame, em fim! Cada um de nós, com o ar mais attencioso, ergueu a cabeça conforme póde, tirou um schelling, e entregou-o delicadamente ao capitão, vomitando por cima d'elle.

Ás seis horas menos um quarto, depois de uma viagem rebelde, em que até pelo mar se conhecia a desharmonia das duas nações, porque o vapor não queria ir de fórma alguma de França para Inglaterra, desembarcámos na direcção de um prato de sopa, que nos esperava fumando sobre a mesa de uma casa de pasto, ou, para melhor dizer, de um *a proposito*, contiguo á estação, em que se dava um caldo sensivelmente mau, e uma inacreditavel lasca de *cornbeeff!*

A Inglaterra principiou a fazer-se sentir, no tom humido e frio do seu horisonte. O ultimo homem que nos fallou francez fechou sobre nós as portas de uma carruagem de primeira classe, peiores em Inglaterra do que as nossas de segunda. O trem partiu com a velocidade heroica d'aquelle paiz do caminho de ferro e do cavallo a trote; uma hora depois, já avistavamos o palacio de cristal, aquella deslumbrante, aquella fabulosa gaiola de vidro, que se eleva enflorada nos jardins de Sydenham, como um templo que emigrou para o campo.

Já pára o comboio, já descemos tropegos do trem, já entrâmos na alfandega a receber as bagagens, que em *Newhaven* os senhores empregados inglezes haviam visitado da maneira a mais delicada e penhorante, sem remexer os objectos, ajudando-nos a fechar as malas, e offerecendo-se, *quasi*, para nos dobrarem melhor o fato, e pregar-nos algum botão que houvesse caído!

Esperavam-nos algumas carruagens fechadas, e alguns *cabs:* entrámos n'um *cab*, e dissemos ao cocheiro:

— Hotel de la Sablonnière!

O cocheiro não respondeu, não perguntou, não pestanejou, mas não partiu.

— *Sablonière's hotel!* retroquei, encolhendo os queixos, para fallar inglez com uma pronuncia feliz.

O cocheiro fustigou o cavallo e o *hamson's cab* partiu.

O *hamson's cab* é uma especie das nossas seges chamadas irmãs da caridade, com a differença de ter um cavallo apenas, a caixa ser muito mais baixa, e ir o cocheiro atraz da caixa! Como, ordinariamente, o cocheiro inglez é gordo, e o cavallo do *cab* é magro, espera-se a cada instante que, procurando o centro de gravidade, o *cab* assente sobre o cocheiro, e o cavallo sobre o *cab!*

(Continua) JULIO CESAR MACHADO.

QUEM ERRA E SE EMENDA A DEUS SE ENCOMMENDA

CONTO POPULAR

IMITAÇÃO DE ESPINOSA

I

— Por piedade, concedam-me que entre: um só instante, um momento; assim Deus os abençoe e lhes dê o que precisem!

— Não póde ser; volte ámanhã.

— Amanhã! Quando já não for tempo!

— Boa occasião é esta para incommodar nosso amo com as tuas supplicas.

— D'aqui para fóra, mulher! E já!...

— Barbaros! Não se compadecem da afflicção de uma infeliz!

— Ah! ah! ah! Que bem representado papel!

E todos os criados que estavam reunidos na entrada da casa do marquez de . . . soltaram em desafinado côro estrepitosas gargalhadas.

Era o marquez de . . . opulento capitalista, que tendo principiado, como outros marquezes, a sua carreira negociando por conta alheia, conseguira ver-se possuidor de haveres proprios, e por meio de habeis transacções, as quaes nem sempre seriam tão legitimas como a honradez de um commerciante exige, nem tão lucrativas como a sua insaciavel avareza desejára, se havia elevado á posição de commodidade e riqueza em que todos o viam. Com o orgulho do proletario que deseja figurar na esphera da aristocracia, e o pedantismo ridiculo do fidalgo de hodierna linhagem, que não póde esquecer habitos e maneiras que recebêra na educação (se merece tal nome ter aprendido a ler e escrever), era tão vaidoso como ignorante, tão namorado de si mesmo como desprezado dos outros. A sua familia constava de um filho, que lhe ficára do matrimonio com a marqueza de . . ., senhora digna e virtuosa, mas pobrissima, visto que só trouxera em dote o simples titulo. Mas como o lustroso marquez anciava similhante distincção, que assim obteria sem gastar os clausurados dobrões, não vacillou em formar um d'esses consorcios de calculo e ambição.

O leitor deseja saber onde é a naturalidade do marquez, e em que parte do mundo se passa este conto?

É razoavel. Supponha então que o marquez nasceu em Portugal, e que este facto se deu em Lisboa.

II

Eduardo era um moço libertino, que, regalado e

amimado desde a infancia, não encontrára obstaculo algum a seus gostos; entregue a si proprio e á companhia de mancebos extravagantes como elle, havia em pouco tempo excedido os seus modelos, e adquirido a fama do mais elegante e estouvado de Lisboa.

Nascido egualmente para a virtude e para o vicio, se sua mãe vivesse teria sido um homem apreciavel e virtuoso; mas perdendo-a na edade de quinze annos, víra-se privado de seus conselhos quando mais os necessitava. Sendo livre, generoso e rico, encontrou-se rodeado de mil famintos amigos, que, ensinando-lhe o caminho das prodigalidades, souberam explorar largamente a sua inexperiencia.

Mas apesar de tanta dissipação e descomedimento, o coração de Eduardo, imbuido nas puras idéas que sua terna mãe procurára gravar-lhe, ainda se não havia corrompido.

Mais, de uma vez, no meio das orgias, sentíra um tedio invencivel, um vacuo que não podia encher, e então soltava um suspiro em memoria de sua mãe, e fazia propositos de melhor vida, que não chegava nunca a realisar. Mais de uma vez sonhava em projectos de felicidade, e se lhe representava um ente ideal que havia de dar-lhe o perdido repouso; julgava que, encontrando aquelle ente, lhe seria facil recuperar a sua virtude. Porém taes sonhos de venturoso futuro deslisavam-se como o fresco rocio entre as arvores, e como este cede ao menor impulso do vento, assim aquelles desappareciam entre um bule de ponche, ou uma garrafa de vinho do Porto ou de Champagne.

Certo dia Eduardo viu uma rapariga que guiava pelo braço um veterano encanecido e cego, com toda a carinhosa ternura de uma filha humilde e respeitosa. Em seu ar modesto e virginal, no rosto angelico, nos olhos rasgados, n'aquelle todo, em fim, julgou ver a realisação da phantasia de seus sentidos, e arrebatado pela violencia das paixões, subjugado, sem acertar a resistir, ao contemplar tanta singeleza e formosura, tanta paciencia e doçura para com o pobre velho, Eduardo sentiu por primeira vez o amor, e com elle todas as suas consequencias.

Desde aquelle instante poz em acção os recursos que lhe proporcionavam a sua posição e as suas riquezas para attrair com artificios a encantadora menina; mas a final, persuadido de que nada conseguiria por esta fórma, apresentou-se em casa de João da Silva, official reformado que vivia em Cascaes, como artista occupado em tirar esboços dos arredores para depois os trasladar á tela. A elegancia de sua figura, a sua assiduidade e constancia alcançaram o carinho de Isabel, que na sua innocencia e candura não encontrou armas para lhe resistir.

Eduardo, que tudo havia promettido, chegou tambem a abusar de tudo, e desde então principiou a diminuir-lhe o amor, e a deixar de ver a que d'antes era seu enlêvo. A credula e confiada Isabel, longe de suspeitar do infiel amante, adorava-o cada vez mais, e estava convencida da verdade das escusas que o mancebo allegava para occultar a sua inconstancia.

III

Chegou o dia dos desenganos, que só podem ser conhecidos de almas gentis como a de Isabel. Ao cabo de uma semana de crueis incertezas, a infeliz recebeu uma carta de Eduardo, na qual, descobrindo-lhe a sua jerarchia, lhe mostrava a impossibilidade de unir a sua sorte á d'elle pelos preceitos de um pae que elle chamava tyrannico, e as leis da sociedade que lhe impunham o dever de se ligar a outra mulher, apresentando especiosos pretextos de que tão bem se vale o cynico em conjunctura identica.

Isabel estava longe de esperar similhante resultado. Longe tambem de pensar que tal missiva partíra d'aquelle que mil vezes tomára sacrilegamente o ceo por testimunha de seus juramentos, e lastimára não ter uma coroa para a depor aos pés de Isabel!

A joven poderia dizer com o poeta:

... em breve se rasgou o véo risonho,
Surge em vez da ventura o desengano;
Cada dia desaba um ceo d'esperanças,
Esvae-se uma illusão; cada momento
Cae murchada flor, morre um prestigio.

Este golpe excedia tudo o que devia ter receiado. Eduardo casava-se. Em paga do puro amor que Isabel lhe professava, do que elle proprio lhe jurára, e do cruel abandono em que a deixava, remettia-lhe um masso de notas do banco, offerecendo-lhe egual quantia todos os annos.

Juntava a infamia ao cynismo!

Isabel não duvidou um instante. A sua resolução foi subita. Repellindo com dignidade tão aviltador offerecimento, pediu a benção a seu infeliz pae, que deixou ao cuidado do fiel Antonio, antigo criado, e tomou o caminho de Lisboa, decidida a reconquistar o coração de Eduardo, regenerando-o com o seu exemplo, ou a morrer antes do que declarar a seu velho e honrado pae o tristissimo desenlace de tão desgraçados amores.

— Antonio, disse ao criado, se passarem dois dias e eu não voltar, está escripto que não verei outra vez meu pae, então dá-lhe esta carta; ella o inteirará da minha desgraça, e não tendo logar para me amaldiçoar depois de morta, derramará uma lagrima no meu tumulo, e compadecer-se-ha de sua infortunada filha.

— O ceo a guie, menina: confie em que Deus não abandona nunca a innocencia. Mas vae sósinha?

— Nada receio.

— Deixe, ao menos, que a acompanhe até ás portas da cidade meu filho José.

E o bom velho Antonio, saltando-lhe grossas lagrimas pelas enrugadas faces, poz as mãos na pallida fronte de Isabel, e enviou ao ceo fervorosa supplica para que protegesse a infeliz abandonada, que era a que implorava a piedade dos criados no palacio do marquez de ....

Isabel partia já desesperada ao ver a deshumanidade dos vis lacaios forrados de galões de prata, quando um cavalheiro ancião, em cujo peito resplandeciam algumas veneras, descendo do interior do palacio, e lançando um olhar de desprezo áquella turba que ante elle se curvou humildosa, se dirigiu a Isabel e lhe disse com carinho:

— Minha senhora, vou conduzil-a ao aposento de Eduardo. — E tomando-a pelo braço, a guiou por sumptuosas salas até á entrada d'aquella onde chamou o mancebo.

Mas Eduardo, ao saír apressado, ficou attonito ao ver aquella menina pallida, temerosa e soluçando, conduzida pelo pae de sua futura esposa!

— Isabel!... — grita e retrocede cobrindo o rosto para occultar a vergonha que lhe causava tal apparecimento.

— Sou eu, sim; — lhe responde a infeliz lançando-se-lhe aos pés, e regando-lh'os com lagrimas: — sou eu, que venho reclamar de ti a devida reparação para mim e para meu pae, á borda da sepultura, e pedir um nome para o ente que abrigo em meu seio.

— Isto me basta — disse o ancião; — não conte mais com minha filha, Eduardo; Isabel, pobre menina, em mim terá sempre um protector; — e cheio de indignação, sae fechando após si com violencia a porta da sala.

Eduardo queria seguir-lhe os passos, mas Isabel abraçando-lhe os joelhos, o detem.

— Que queres de mim?

— O socego que me roubaste, e o teu carinho.

— Como?

— Dando-me o nome de esposa.

— Estás louca, Isabel? Não vês a immensa distancia que nos separa?

— Não a viste quando me chamavas tua; quando estreitando-me em teu peito, me prodigalisavas mil nomes de intimo affecto; quando promettias tornar-me venturosa; e quando, inebriando-me a imaginação com o aspecto de um porvir feliz, abusavas da minha credulidade e me arrastavas ao precipicio?

— E por que me acreditaste?... Agora não faltará algum da tua cl[illegible] te queira dar o nome que desejas... com essa figura, com esse rosto e a pensão annual que te offereci...

— Desprezo tão aviltador offerecimento... Só exijo de ti uma coisa: o cumprimento da tua palavra.

— É impossivel; meu pae...

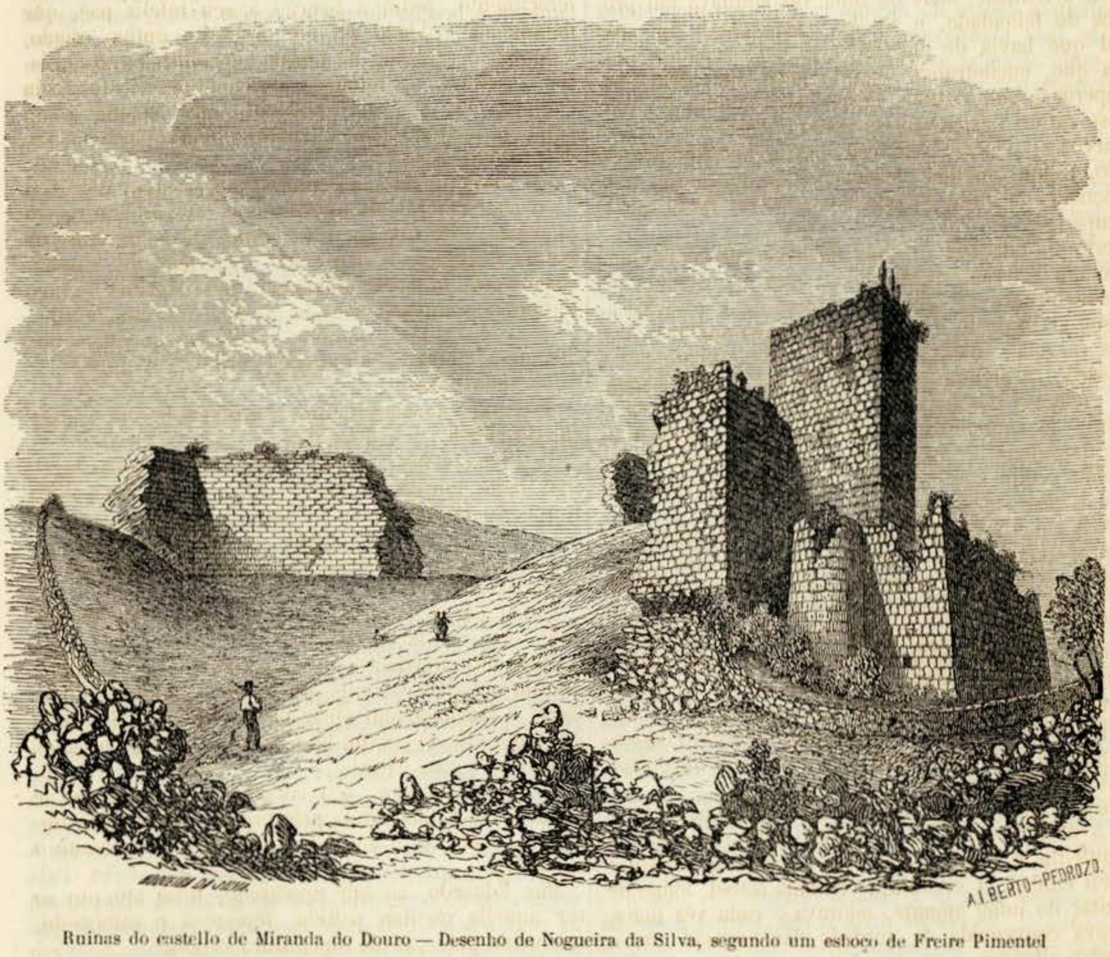
— E o meu? que te deu a sua confiança, que te chamava seu filho; infeliz, verá as suas cãs maculadas por uma falta minha? Amaldiçoar-me-ha, talvez, n'este instante, porque o seu corpo está á beira da sepultura! Piedade, piedade por seus annos; piedade para teu filho! Despreza-me, não me ames; serei tua escrava aos olhos do mundo, mas não repulses commigo este infeliz antes de ter nascido; beijarei a terra que pisares...

— Desvarios de uma imaginação febril!

— Desvarios...— repete a infeliz com furor concentrado, levantando-se e agarrando uma pistola, que por desgraça lhe estava ao alcance; — ver-me-has morrer aos teus pés, e commigo morrerá teu filho.

E apontando a mortifera arma ao peito, poz o dedo no gatilho. Eduardo precipita-se para a conter, desvia-lhe o braço, o tiro parte, e o desgraçado caíu envolvido no seu sangue.

Nada é comparavel á expressão do grito de horror



Ruinas do castello de Miranda do Douro — Desenho de Nogueira da Silva, segundo um esboço de Freire Pimentel

que Isabel soltou ao perder o conhecimento em vista de tamanha desgraça.

Instantes depois aquella casa, que só respirava alegria, estava silenciosa e triste, e apenas se observava actividade no quarto do ferido, que jazia no leito.

Isabel fôra capturada, e mettida no Aljube, como auctora presumptiva de um homicidio.

(Continua) BRITO ARANHA.

RUINAS DO CASTELLO DE MIRANDA DO DOURO

No dia 8 de maio ultimo fez cem annos que Miranda foi theatro de uma horrorosa catastrophe. O castello d'esta cidade voava pelos ares com uma explosão de mil e quinhentas arrobas de polvora, sepultando nas suas ruinas perto de quatrocentos infelizes!

Deixemos uma testimunha ocular contar-nos esta lugubre historia, com aquelle interesse que tem a narração feita nos proprios logares, e por quem esteve quasi a ser victima da catastrophe.

O excerpto que em seguida transcreveremos, é extraído de um livro dos assentos d'obito de Miranda. Este documento tem grande valor historico, por ser talvez o unico que falle de um acontecimento tão pouco conhecido, e acha-se inédito. Começa a fl. 197, verso, do livro a que acima me referi e diz assim:

«Aos 8 de maio de 1762, pelas sete horas e meia da tarde, tempo em que todo este reino de Portugal estava bloqueado em roda pelas armas hespanholas, esta provincia invadida, e cercada esta cidade por um exercito de trinta mil homens, estando a atirar a artilheria do Castello e Rebolins [1] ao sobredito exercito inimigo, logo que descarregou um canhão mais contiguo á torre grande, passados quatro ou cinco minutos arrebentou o armazem da polvora, arruinando quasi todo o castello, e fazendo duas brechas exteriores, uma para a porta do norte, por onde bem cabiam quinze homens, e outra para a do meio-dia, em correspondencia, por onde cabiam nove, arruinando tambem a melhor parte do castello para o oriente, que entrava para a cidade, e metade da torre grande, dando em terra com todo o edificio e officinas que dentro d'elle havia, em cujas ruinas falleceu muita gente, que a mais d'ella se não póde averiguar quem era, por se acharem queimados do fogo que se alimentou com mais de mil e quinhentas arrobas de polvora. D'esta gente que pereceu, muitos eram soldados, outros paizanos e ordenanças da terra, que andavam trabalhando dentro do mesmo castello em menesteres que se lhes mandavam, e outros pessoas da cidade. Não pude alcançar ao certo o numero de gente; mas averiguado por prudentes, e feita a diligencia e inquirição possivel, me parece falleceriam trezentas e cincoenta a quatrocentas pessoas, assim no castello e suburbios como pelas ruas da cidade; e para memoria mandei escrever esta declaração, que, com a lista das pessoas que abaixo vão carregadas, assignei. E não vão os nomes e patrias com mais individuação, porque o não pude saber.

E tambem declaro que debaixo da brecha, que faz cara ao meio-dia, estão mais de cem pessoas, que as vi eu sepultar na ruina, porque casualmente me achava presente, e quiz Deus livrar-me.

Dentro do doujão (sic), ao redor do poço, está tambem muita gente. Na ponta do terreiro, caminhando para a plataforma, junto ao castello, ficaram tambem muitos sepultados.

Na cortinha contigua á *Peça desbocada*, que é de Josefa Simões, se enterraram setenta e tantas pessoas, que nenhum se soube quem era, e com trabalho se poderam tirar das ruinas.

Encheu-se quasi todo o cemiterio da sé, e dentro da sé se sepultaram os que couberam, cujos nomes, conforme pude alcançar, como dito tenho, são os seguintes.

....

Declaro tambem que a maior parte d'elles foram soccorridos com a absolvição que por mim e outros sacerdotes lhes foi dada, e muitos tambem com a extrema unção; e alguns que vieram a acabar de morrer dentro da sé e no hospital, com o Santissimo; e geralmente no mesmo instante levaram todos a absolvição.»

Á margem acha-se a nota seguinte:

«No dia 9, depois de duas horas, tomou posse da cidade o exercito hespanhol.»

A relação dos mortos, a que acima se allude, abrange tres folhas do livro, e n'ella se lêem os nomes de muitas pessoas de differentes edades, sexos e profissões, entre outros o do secretario do bispo. Tudo se acha assignado pelo parocho Bento de Moraes Freyre.

Agora duas palavras de annotação.

Foi no reinado del-rei D. José que teve logar a guerra que occasionou este sinistro. O rei de Hespanha Carlos III e Luiz XV de França, tendo-se colligado com o «pacto de familia» que entre si estipularam, queriam que por força nos declarassemos contra a Inglaterra, e para este fim, usando de cavillosos pretextos, invadiram varias praças do reino, entre outras a de Miranda. O exercito hespanhol que sitiava esta cidade era commandado pelo general Sarria.

Ignora-se se a explosão foi accidental ou de proposito; porém é tradição em Miranda que o governador do castello, comprado pelos hespanhoes, pozera fogo ao paiol da polvora, e que, depois da explosão, fôra visto fóra das muralhas, caminhando para o campo inimigo.

A gravura, que é da maior fidelidade, representa o castello visto do lado do sul. Á direita eleva-se a torre grande, em que estão incrustadas as armas de Portugal; interiormente falta-lhe metade que a explosão levou. Vêem-se ainda muitas pedras que foram deslocadas pelo abalo que a torre devia padecer. O lanço da muralha que lhe fica á esquerda produz o equilibrio, e entre ella e a torre ha uma brecha por onde quasi cabe um homem.

No centro da gravura falta um pedaço do muro do castello: é indubitavelmente a grande brecha do sul, feita pela explosão. Debaixo do monte de entulho que lhe fica contiguo, devem pois estar sepultados muitos dos infelizes que pereceram n'esta catastrophe. Existe tambem a brecha do norte, porém esta é sem duvida hoje maior do que a primitivamente feita pelo sinistro.

A principal porta de entrada era em baixo da torre grande, e ainda existe, bem como os vestigios da ponte levadiça; vê-se, porém, além d'aquella, ainda outra porta mais pequena para o lado do poente.

O castello está situado em uma pequena eminencia ao noroeste da cidade, e d'elle se goza uma bella vista do curso dos rios Douro e Fresno, da cidade, e de grande porção de territorio portuguez e hespanhol.

A. E. DE SOUSA FREIRE PIMENTEL.

[1] Fortins.

REINADO DE D. AFFONSO VI

(FRAGMENTO)

PAZ ENTRE PORTUGAL E HESPANHA EM 1668

(Vid. pag. 167)

Depois de apresentar ao principe a memoria que já se leu, fallou o enviado francez a muitos membros do conselho, mas, nem um achou (dissimulação ou lealdade?) que declarasse saber da nomeação dos commissarios. Entretanto na noite do mesmo dia 4 tinham elles a primeira conferencia, em presença do embaixador de Inglaterra, sendo o marquez de Liche restituido depois d'ella á prisão do castello! Ao saírem d'esta conferencia, dirigiu-se o secretario d'estado ao convento da Esperança para communicar o resultado á rainha. Chamado por ella na manhã do dia 5 de fevereiro, da sua boca soube o abbade que os poderes do marquez de Liche se tinham achado em boa fórma, e que as propostas condições de paz eram as mesmas que Portugal pedíra em Salvaterra. Pela declaração do secretario d'estado á rainha, não podiam as conferencias deixar de continuar, restando ver que poderes Saint-Romain tinha, e o que se podia fazer em satisfação da França n'uma tão infeliz conjunctura.

O abbade, entre outros reparos, ponderava á rainha que pelo projecto de Salvaterra el-rei catholico não renunciava os seus direitos a Portugal. Á proposta do secretario respondia, que se os portuguezes, contra o que deviam á fé e á honra, acceitassem a paz, el-rei de França ficaria, em logar da diversão que os portuguezes podiam fazer aos hespanhoes, com as tropas e dinheiros com que auxiliava Portugal, com a liberdade de fazer, quando lhe conviesse, com honra e á sua custa a paz com Hespanha; liberdade que era de grande preço e consideração. Acrescentava que só podia pedir a conservação e execução do tratado de liga e alliança, mas que, se tinham alguma proposta

a fazer-lhe para satisfação do rei de França, a escutaria, principalmente da boca da rainha.

Até os oradores sagrados não faziam senão radicar e encaminhar o espirito dos auditorios para a necessidade da paz. Na maior parte das egrejas prégava-se da paz. Na propria capella do paço e diante do principe, chegou o prégador a dizer a tal respeito, que um rei devia sacrificar ao bem do seu povo a sua honra e o seu gosto.

Os poderes do marquez de Liche, datados de 5 de janeiro, eram limitados a quarenta dias, trinta dos quaes tinham passado. Nos artigos propostos havia dois em que não parecia facil concordarem: o primeiro era ácerca da restituição das praças: no projecto de Salvaterra dizia-se que se entregariam d'uma e d'outra parte, e que quem mais entregasse receberia dinheiro em compensação: do segundo, que fazia geral a amnistia dos desterrados, queriam em Lisboa exceptuar alguns. D'aqui podia gerar-se talvez a necessidade de enviar alguem a Hespanha para aplanar estas difficuldades, e obter prorogação do tempo que limitava os poderes do marquez de Liche. Assim, o enviado francez sorria com a esperança de se poder fazer durar a negociação quanto se quizesse. Se o não fizessem seria, na opinião d'elle, malicia d'alguns ministros!

Todas as esperanças podiam ter fundamento, e todos os receios plausibilidade n'um governo que não tinha ainda nem fórma nem assento. Todo o mundo se intromettia nos negocios, os tres-estados, os fidalgos, o conselho, cada um segundo seu interesse. Tudo faziam tumultuariamente: o principe e a rainha eram então quem tinha nos negocios a menor parte e o menor credito. Demonstrava-o de mais a contestação suscitada entre os deputados do braço do povo, que queriam dar ao principe o titulo de rei, e os do braço do clero e da nobreza, que continuavam a recusar-lh'o. Os criados do principe eram chefes do ultimo partido: como deviam conhecer seu amo melhor que os outros, andavam com a maior ousadia. Nem todos approvavam este procedimento: ainda mesmo a ser verdade que o principe não queria acceitar o titulo de rei, havia quem opinasse, que os seus servos e partidarios sempre deviam proporcionar-lhe a honra de o recusar, porque se lh'o não offerecessem ficaria duvidoso se elle o queria ou não. Os principaes d'esses criados de D. Pedro tinham obrigado a rainha a declarar a sua opinião a tal respeito, assegurando-lhe que a seguiriam: mas depois de a conhecerem não deixaram de seguir a sua com menor empenho. Esperava-se, a principio, que o braço do povo vencesse, porque rejeitando com firmeza toda a casta de expedientes dizia alto e bom som, que os fidalgos e o conselho, para serem senhores, tinham o rei na prisão, e queriam o principe captivo nas suas mãos.

Saint-Romain não dormia sobre o perigo que ameaçava de grande derrota a influencia franceza na corte de Lisboa. Do dia 5 de fevereiro encontrâmos mais esta memoria dirigida ao secretario de estado:

«Soube pela voz publica, que sabbado de tarde os commissarios d'este reino começaram a conferir com o marquez de Liche em presença do embaixador de Inglaterra; e surprehende-me ver, que se continúa a adiantar e precipitar um negocio de tal consequencia. Pela memoria que hontem vos enviei para o principe, representei que estas conferencias, sem consentimento do ministro de França, seriam contravenções ao tratado d'alliança. Hoje rogo-vos que façaes lembrar a S. A., que em 13 do mez passado vós me ordenastes da sua parte, que convidasse el-rei christianissimo a enviar aqui plenipotenciarios seus, para tratarem da paz commum. Assim fiz então, sem demora, enviando a S. M. o original da vossa carta, o que não póde ser ignorado, porque o declarei na minha resposta á mesma carta, dirigida a S. A. e que é publica.

«Declaro-vos mais que por duas outras occasiões reiterei este pedido do principe a el-rei meu amo, enviando-lhe copias da vossa carta que o continha, e não duvido que já haja poderes ou plenipotenciarios de S. M. em caminho. Peço-vos que representeis a S. A. e ao conselho, que seria coisa estranha e sem exemplo, se depois d'esta advertencia se continuasse a tratar sem esperar os poderes de França, pois que seguramente a nenhum principe do mundo convém proceder assim com o primeiro rei da christandade.

«Espero tambem, como vós e alguns outros ministros me declararam, que a intenção de S. A. seja que se faça sómente uma conferencia, ou duas, para ver e examinar os poderes do marquez de Liche, e depois se suspenda toda a casta de negociação ácerca d'este negocio, até que cheguem os poderes para se ajustar a paz commum. Peço da parte del-rei meu amo que assim se faça de boa fé, e que me chamem ás conferencias, que porventura se celebrem ainda, a fim de que eu possa representar n'ellas o interesse da França, e dar d'ellas conta a sua magestade christianissima. A minha presença em taes conferencias é necessaria, para se satisfazer ao tratado de liga, ao uso ordinario entre alliados fieis, e obrigar os castelhanos a enviarem poderes para se tratar com a França; impedindo-os por esta precaução de se persuadirem, que os portuguezes querem faltar á sua fé e fazer sem a França a sua paz particular. Em Lisboa 5 de fevereiro de 1668.»

No dia seguinte de manhã ia o mesmo incançavel enviado caminho do convento da Esperança, para communicar á rainha as difficuldades que se encontravam na paz, ignorando ainda se lh'as teriam ou não occultado. Representou-lhe novamente os meios de fazer demorar e protrair a negociação. Achou porém a rainha já informada de quanto se passava, com quanto lhe não tivessem ainda respondido ácerca do modo de dar satisfação á França, objecto em que tinham fallado no dia precedente.

— Espero esta tarde (disse a rainha) o secretario de estado. Mandar-vos-hei chamar logo que elle venha. Parece-me que se farão demorar as coisas, perdendo os hespanhoes o tempo e a occasião de retirarem tropas d'estas fronteiras, para as empregarem contra a França na proxima campanha.

Quando voltava do convento, Saint-Romain passou pela casa do marquez de Marialva, que era procurador do braço do povo. Achou-o todo voltado para a paz. Dizia que já não podia nem conter nem moderar os deputados do terceiro estado, que n'aquella mesma manhã lhe tinham declarado que queriam saber o que se passava no conselho e nas conferencias sobre a paz, e que não pagariam mais tributos se ella se não fizesse. Egual declaração fôra o procurador do povo fazer ao infante.

Depois da conferencia com o marquez de Liche, ainda os povos pareciam mais excitados e inclinados á paz. Diziam os do partido francez, que os ministros e os fidalgos, que queriam precipital-a, tinham maliciosamente reanimado o povo para assim intimidarem os que não a desejavam senão com participação da França; e d'estas ameaças e demasias, tanto do povo como dos estados, e dos prégadores que no dia immediato ao da primeira conferencia tinham prégado a paz em todas as egrejas, queriam constituir desculpa para com a França.

Dois mezes antes que a embaixada de Inglaterra partisse de Madrid para Lisboa, tinha o abbade solicitado e excitado os ministros portuguezes, de viva voz e por escripto, para declararem aqui a Southwell que nada queriam receber nem ouvir tocante á sua paz particular; obrigando o mesmo Southwell a escrever ao conde de Sandwich, que não acceitasse nenhuma commissão dos hespanhoes, porque não seria

recebido em Lisboa nem então, nem em qualquer tempo depois. Mas os ministros, talvez mais sciente que inscientemente, não quizeram tomar nenhuma precaução nem cuidado para dirigirem os povos, antes, pelo contrario (contra o voto da maior parte do conselho que era se detivesse o conde de Sandwich na primeira villa ou cidade da fronteira) o mandaram vir a Lisboa.

Inglezes, castelhanos, todos andavam inteiramente livres na seducção e amotinação do povo, e os ministros faziam-se surdos ás instancias e avisos que incessantemente recebiam do partido francez, ácerca do que se passava.

Tudo parecia annunciar e assegurar proxima conclusão da paz. As pequenas negociações ou reclamações que o enviado francez fizera ou tentára, estavam em vespera de formaes desenganos.

O abbade Bani fôra encarregado por Saint-Romain de senhorear o espirito do conde da Torre, mostrando participar do ciume d'elle conde contra o duque de Cadaval. Persuadia-o Bani do interesse que havia em impedir que o duque ganhasse a affeição do povo adiantando a negociação da paz: aconselhava-o a que tomasse o partido contrario, e mantivesse a alliança franceza e a honra do principe. Ainda mais. Porque a rainha se não declarára ainda sobre este objecto, podia o conde leval-a a figurar á frente d'este partido, com o que se tornaria, sob a auctoridade da rainha e do principe, o mais notavel homem de estado e o arbitro dos negocios. O conde pareceu acquiescer ao plano, com decisão, mas advertiu que a rainha se não declarava sufficientemente sobre os negocios, porque se fallasse sería senhora d'elles, e veria a sua opinião sempre acatada. Vendo-o assim disposto disse-lhe Bani, que se fosse preciso dinheiro para ganhar algumas pessoas mais chegadas ao principe, elle conhecia o meio de encontrar quanto fosse necessario.

Não se limitaram a esta primeira as entrevistas que houve entre os dois, para gruparem em torno da rainha e do principe o partido francez. Procurava-as o proprio conde, e a final pediu a Bani, que fallasse á rainha, a qual respondeu que já por muitas vezes testimunhára ao conde da Torre os seus sentimentos ácerca da negociação da paz. Sabendo a final que o conde era mais homem para cuidar em discorrer bem, que para executar; suspeito desde muito de estar mais estreitamente ligado ao secretario de estado que o proprio duque, começaram os francezes a esperar menos d'elle, quando chegou a conferencia dos commissarios com de Liche, e rebentou o clamor popular a favor da paz. Tudo isto, que por intermedio da rainha se fazia para aplacar o rei de França, acabou aqui. Quanto se tinha desenhado para ganhar o auxilio de varios, e sobre tudo dos commissarios, tudo pareceu inutil diante da torrente que levava á paz. Pensar em taes circumstancias em subornos, dizia o proprio enviado francez ao seu governo «sería perder inutilmente o dinheiro do rei.» Pouco havia dispendido n'este plano: 500 escudos dados ao abbade Bani: 100 pistolas de oiro a Gentillet e de Massiac, por traduzirem e publicarem escriptos de Saint-Romain ácerca da situação, além de lhe prestarem em todos os tempos os melhores serviços. Tambem o enviado francez se applaudia muito dos bons serviços de D. João da Silva, mas nenhum brinde lhe tinha feito, porque (dizia) não era pessoa a quem se désse pouco, e deixava ao cuidado do rei christianissimo escolher e fazer-lhe a graça que julgasse mais a proposito.

A respeito de se fazer a campanha proxima, o secretario de estado respondeu á rainha (que o transmittiu a Saint-Romain) que de nenhum modo era isso possivel, porque os povos não soffreriam tal delonga, e Castella não concederia mais a paz, senão a recebessem agora; mas que elle secretario ia levando a negociação lentamente, e cuidaria dos interesses da França, quanto lh'o permittissem as necessidades presentes, que forçavam a fazer a paz, para impedir que o reino acabasse, e com elle um alliado do rei christianissimo. Não duvidava que depois da paz ainda a Hespanha pretendesse de Portugal outras coisas, mas promettia que não consentiriam que um unico soldado portuguez passasse ao serviço de Hespanha.

A rainha estava persuadida da verdade e espontaneidade da pressão que o povo e as cortes faziam sobre o governo para a conclusão da paz. Saint-Romain tentou dissuadil-a d'isso, dizendo-lhe mesmo, que depois da paz concluida os hespanhoes se empregariam principalmente em impedir-lhe o casamento. Ella entretanto mostrava ter toda a confiança nos portuguezes.

O partido francez não descob[illegible] nossa paz particular com Hespanha nem segurança nem solidez. Via de um lado um rei de sete annos propor a paz a Portugal, e dizia, seguindo as idéas do tempo, que não se devia julgar na sua maioridade obrigado a guardar o que outros por elle tinham estipulado: via do outro lado um rei desthronado, declarado incapaz de reinar, encerrado entre quatro paredes acceitando essa paz, tratada por um prisioneiro de guerra da parte do rei menor!

Duarte Ribeiro, cuja partida para França se tinha addiado de dia para dia, porque persistiam ainda na idéa de o despacharem? Se não era para convidar Luiz XIV para tomar parte na negociação da paz commum, sería ao menos para desculpar Portugal de concluir uma paz particular! A rainha empenhára-se para que a fragata franceza se demorasse ainda alguns dias para o conduzir, mas Saint-Romain desculpou-se, para a fazer partir no dia 8, que tinha urgente necessidade de communicar ao seu rei o estado das coisas n'esta corte.

(Continua) José de Torres.

AMOR E RIGOR

Mandando Ludovico Sforcia a Genova contribuir com certas quantias excessivas, foi o seu mensageiro, que a este negocio vinha, hospedado por um fidalgo d'aquella republica; e levado a um jardim, entre outras hervas cheirosas, estava uma chamada basilica, que corresponde ao nosso mangericão.

Disse-lhe o fidalgo que a tocasse levemente, e despediu de si fragrancia. Tornou a dizer-lhe que a esmagasse entre os dedos, e começou a cheirar mal.

Então applicou o simile dizendo:

Deseja esta cidade que entenda o principe Ludovico, que se a tratar com mão leve, a achará festiva e obsequente; se fizer o contrario, achará tambem o contrario. Padre Manuel Bernardes.

ENIGMA

